EUTANÁSIA OU CUIDAR DA VIDA?

Cuidados paliativos devem ser a resposta

DEBATE Antes de se falar em eutanásia, o país deveria regulamentar e implementar uma rede de cuidados paliativos.

A lei dos paliativos é de 2012 mas não está ainda regulamentada

Lídia Barata
lidia.barata@reconquista.pt

"**Quem me dera** morrer!". Quem num momento de angustia ou desespero não teve já um pensamento ou verbalizou em voz alta uma frase assim? Uma frase que na opinião de Paula Sapeta, diretora da Escola Superior de Saúde Dr.º Lopes Dias, "não contém propriamente um pedido para morrer, mas mais um pedido de ajuda, seja de um familiar, ou de um amigo". Esta responsável, também ela defensora do incremento dos cuidados paliativos, explicou domingo à tarde, dia 8 de maio, na Casa de Santa Maria, numa conferência obre o tema "Eutanásia ou cuidar da vida?", promovida pela Pastoral da Família, que muitos dos debates em torno do tema eutanásia "deixam muitas dúvidas e apresentam termos que só confundem e não têm fundamento". Optando por chamar as coisas pelos nomes e indo direta ao assunto, Paula Sapeta esclareceu que "a eutanásia é diferente de morte digna, porque matar uma pessoa viola um direito fundamental. Morte assistida é diferente de suicídio assistido, tal como eutanásia é diferente de morte por compaixão, porque compaixão é cuidar do outro e não matá-lo".

"O direito à autonomia, que depois é transferida para o técnico de saúde que mata o paciente, o rasto que dor que uma decisão destas deixa na família", são questões que defende devem ser bem ponderadas, reiterando que, "o direito à vida é fundamental. É um valor supremo da nossa Constituição". Além disso, "a eutanásia não pode ser um ato médico ou de enfermagem, porque além das leis, viola qualquer código deontológico". E questiona se "tal como no nazismo se matava em nome do apuramento da raça, agora vamos matar idoso? deficientes?", ou ainda "quem define com rigor o que é sofrimento intolerável? Quem define com rigor os critérios para ser aplicada a eutanásia? A falta de critérios é perigosa, por isso ser muito cedo para qualquer lei". Para Paula Sapeta, a discussão nem faz sentido quando, antes de mais, "em pleno século XXI há uma série de terapêuticas que permitem reduzir a dor, evitam o sofrimento, que permitem que as pessoas tenham mais vida nos dias que tiverem de vida, sejam eles quantos forem, uma vez a que a morte é uma inevitabilidade". E pegando nos exemplos desastrosos de países desenvolvidos onde "a eutanásia já não é feita por vontade expressa, mas por vontade presumida", refuta que a medida avance sem maior aprofundamento dos conceitos e das suas implicações. Mas refuta esta medida porque, como solução, aponta "a universalização dos cuidados paliativos, bem como a incrementação da formação dos profissionais de saúde, ao nível técnico e humano".

PALIATIVOS A exposição de Paula Sapeta foi corroborada pelo médico Lourenço Marques, que lembrou que "o tema tem mais de dois mil anos, mas nunca nenhuma das maiores religiões propôs a eutanásia". Já "a morte sem dignidade é um argumento do manifesto que surgiu em fevereiro", esclarecendo que "morte assistida é um eufemismo que surge no debate para descrever a eutanásia", pois "a boa prática médica é a de suspender ou não iniciar tratamentos quando são fúteis, porque a medicina também tem limites e a morte chega pelo seu percurso normal da doença, mas isso é diferente da eutanásia". Tal como "a sedação terminal ou paliativa não pretende matar, nem encurtar a vida, mas sim aliviar a dor, a angústia, ou a agitação", sublinhando que "em Portugal falta apostar seriamente nos cuidados paliativos, essa é a grande questão", porque "uma morte sem dignidade deve-se apenas à ausência dos cuidados adequados". Lourenço Marques que é ainda visto como o "pai dos cuidados paliativos" lembra que "entre 1992 e 2010 faleceram na Unidade da Dor do Fundão cerca de 1200 pessoas. Muitos destes doentes chegavam em desespero, mas a maioria mudou de ideias de querer acabar com a vida quando lhes foi aplicado o tratamento paliativo". E defende que "a grande discussão em Portugal deveria ser sobre as milhares de pessoas que morrem por falta dos cuidados adequados. A lei está criada, desde 2012, mas falta a sua regulamentação, e isso é que era importante discutir e fazer avançar".

A visão da igreja foi apresentada pela voz do padre Nuno Folgado que também afirmou que "a grande questão passa pela formação efetiva dos técnicos de saúde e a humanização dos serviços, para que possam dar apoio adequado ao doente e às famílias, aprendendo a lidar com as situações de paliativos e da morte, do sofrimento". E num conto alusivo ao bom samaritano, deixa a mensagem de que quem ama cuida, tal como o estalajadeiro disse ao doente que o samaritano lhe deixou para ele cuidar: "Ele ama-te muito", ou como o clamor de Marta pela morte de seu irmão Lázaro, que disse a Jesus: "se estivesses estado aqui, o meu irmão não teria morrido". Passando esta lição para a vida quotidiana, sobretudo nas situações de suicídio, o padre Nuno Folgado frisa que o que se deve refletir é: "se estivesses estado aqui o meu irmão não teria querido morrer".